

Filosofia na CDU

Revisão

1 Filosofia. Psicologia

Henrique Diogo Silva
30 de Maio de 2016

Resumo

A classe 1 da Classificação Decimal Universal não vê uma atualização ao seu conteúdo à mais de quarenta e cinco anos, encontrando-se assim desatualizada com a atual literatura sobre este campo. Utilizando as novas tendências de modernização da CDU apresentamos neste trabalho uma proposta para a alteração desta classe, à semelhança da revisão conduzida à classe 2 *Religião. Teologia*.

Os principais aspetos desta revisão passam pela criação de uma classificação multifacetada para esta classe; a remoção dos campos *159.9 Psicologia* e *133 Paranormal. O oculto. Fenómenos psi*, sendo que no caso da psicologia esta deve ser movida para uma classe mais próxima das ciências sociais, e no caso do campo 133, considerada a sua mudança para a classe 2; adição de novos conceitos à classe, de maneira a melhor representar a bibliografia atual desta área; alterar a classe ao nível fundamental, de maneira a permitir a classificação bibliográfica de qualquer filosofia, independentemente da sua origem.

Palavras-chave: Classificação Decimal Universal, Filosofia, Classificação

CONTEÚDO

Introdução	2
1 Classificação Decimal Universal	3
1.1 As origens	3
1.2 Classificação Decimal de Dewey	3
1.3 Estrutura da CDU	4
2 1 Filosofia	5
2.1 Contexto Histórico	5
2.2 Metodologia	6
2.3 Classificação multifacetada	6
2.3.1 Notação	6
2.3.2 Seleção de facetas	7
2.3.3 Principais divisões	8
2.4 1 Filosofia	9
Reflexões finais	10

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL

1.1 AS ORIGENS

O esquema de classificação que hoje conhecemos como Classificação Decimal Universal (CDU) teve as suas origens num projeto com um foco muito maior do que a classificação bibliográfica. No ano de 1885 o advogado Paul Otlet, este já com experiência na área da documentação, e o seu colaborador Hanry LaFontaine trabalhavam num Relatório Bibliográfico Universal, ou *Répertoire Universel Bibliographique* no seu nome original. Projeto este que tinha o objetivo de compilar uma bibliografia de tudo aquilo que até lá tinha sido publicado. Como uma forma de organizar toda a informação recolhida era necessária, Otlet contacta Melvil Dewey, um bibliotecário americano responsável pela agora conhecida como Classificação Decimal de Dewey (CDD), de maneira a obter permissão para utilizar o seu trabalho, estando já esta na sua quinta edição. Obtendo permissão não só para expandir as tabelas principais, mas também para adicionar os auxiliares necessários mais de 16 milhões de registos foram criados antes do início da primeira guerra mundial.

Nos dias de hoje, apesar da compilação ter sido abandonada, o sistema de organização criado por Otlet e LaFontaine, a Classificação Decimal Universal, continua a ser desenvolvido e atualizado, mantem-se um dos sistemas de classificação mais utilizados em todo o mundo. As suas origens francesas são também um dos fatores contributórios para esta alargada utilização do esquema de classificação, sendo especialmente utilizado nos países francófonos do norte de África, Espanha, América Latina e na Europa de Leste, sendo que nos países de língua inglesa a utilização da classificação é feita principalmente em bibliotecas especializadas (McIlwaine 1997).

1.2 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY

Baseando a organização da sua indexação na quinta edição da CDD, Otlet e LaFontaine rapidamente foram capaz de perceber que esta não seria flexível o suficiente para acomodar todos os conceitos que estes necessitavam expressar. Reconhecendo contudo a relevância de uma organização por conceitos e a sua estruturação hierárquica dividida por numerias decimais, como resultado de uma conferência de 1895 é então publicada a *Expansão de Bruxelas*, sendo publicada a primeira versão da classificação em 1907, intitulada de *Manuel du Répertoire* (McIlwaine 1997). Nos seguintes anos o desenvolvimento da CDU continuou extremamente ligada com o desenvolvimento da CDD e com o próprio Dewey, e subsequentemente com o seu filho Godfrey. Contudo, num congresso em Geneve, no ano de 1924, Godfrey Dewey propôs que fosse restabelecida uma

000	Generalidades
100	Filosofia
200	Religião
300	Ciências sociais
400	Línguas
500	Ciências puras
600	Ciências aplicadas
700	Artes
800	Literatura
900	História e geografia

Tabela 1.1: Classes principais da CDD

concordância direta entre a classificação da CDU e da CDD, oposição contrária à tomada por Dorcas Fellows, assistente de Godfrey Dewey como editora da CDD e autora do livro *Cataloging Rules* publicado em 1914, que viu a sua influência gradualmente aumentar perante os membros do congresso, resultando numa divergência completa dos dois esquemas de claddificação pelo ano de 1930.

1.3 ESTRUTURA DA CDU

Por motivos de direitos de autor, a estrutura fundamental da CDD teve inicialmente que ser mantida, e até hoje, com a excepção da classe 4 que se encontra atualmente vazia, os primeiros cerca de mil campos encontram-se similares nas duas classificações (fator este que causa alguns dos problemas enunciado no capítulo 2). A principal inovação, e fator diferenciado entre as duas classificações foi o facto de a CDU ter sido expandida no que diz respeito à flexibilidade, sendo introduzida a possibilidade de combinar quaisquer dois números através da utilização dos dois pontos (:). Este foi um importante passo pois pela primeira vez foi possível expressar facetas dentro de um outro assunto. A primeira versão da classificação é então já lançada com um grande número de exemplo de combinação possíveis nas diferentes tabelas, sendo que para casos mais complexos a notação vinha já defenida.

Ao longo dos anos a classificação tem evoluído e várias revisões foram feitas não só as tabelas constituintes da classificação, mas também à notação utilizada. As principais alterações efetuadas ao longo dos tempos passam pela criação de tabelas auxiliares gerais a partir de tabelas auxiliares préviamente específicas, como é o caso da atual tabela *Auxiliares comuns de materias*. No que diz respeito aos símbolos utilizados na notação da CDU, estes também foram aumentando, sendo que hoje são usados, para além dos dois pontos e do simples ponto, aspas, hífenes, o símbolo matemático de igualdade, entre outros.

CAPÍTULO 2

1 FILOSOFIA

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A primeira classe da CDU não vê alterações à sua constituição à mais de quarenta e cinco anos (Gnoli, Mazzocchi e Slavic 2008), apesar de críticas à mesma terem uma antiguidade semelhante. O primeiro, e mais óbvio, problema a apontar a esta classe é a inclusão da psicologia na mesma, como podemos observar na tabela 2.1, («Task force for UDC system development : final report» 1990). Esta inclusão deve-se em grande parte a fatores históricos derivados da intrínseca relação entre a origem e desenvolvimento deste campo de estudos e vários famosos filósofos como Aristóteles, Immanuel Kant, etc (Hatfield 1994). Outro dos problemas desta classe é ainda o campo 13 “Filosofia da mente e do espírito. Metafísica da vida espiritual”, podendo neste ser discutido se existe uma relação mais forte com o campo da filosofia ou da religião, correspondente à classe 2 da CDU. No que diz respeito ao restantes termos e conceitos utilizados na classe em análise, é ainda apontado o facto de a organização base utilizada, sendo esta dividida em três categorias principais: *natureza da filosofia*, *disciplinas da filosofia* e *sistemas filosóficos*, cada vez mais se encontra desalinhada com a literatura pelo facto de não permitir a combinação de conceitos pertencentes a estes três campos, dificultando assim a extensão lógica dos mesmos. Finalmente, tem sido apontado por vários autores ao longo do tempo que esta classe tente a acomodar de uma maneira mais fácil filosofias ocidentais, sendo que filosofias de outras culturas e civilizações são muitas vezes relegadas para a classe correspondente à religião/teologia (Kyle, Vickery e Unesco 1961).

1 Filosofia. Psicologia

101	Natureza e âmbito da filosofia
11	Metafísica
122/129	Metafísica especial
13	Filosofia da mente e do espírito. Metafísica da vida espiritual
14	Sistemas e pontos de vista filosóficos
159.9	Psicologia
16	Lógica. Epistemologia. Teoria do conhecimento. Metodologia da lógica
17	Filosofia moral. Ética. Filosofia prática

Tabela 2.1: Sumário da atual classe 1

2.2 METODOLOGIA

Posto todos estes problemas é então necessário que se proceda a um conjunto de alterações à classe 1. Contudo, é necessário ter em conta que alterações efetuadas a qualquer divisão da CDU irão afetar não só todas as aplicações já efetuadas da mesma, mas também a interoperabilidade da classe com todas as outras classes da classificação. É então necessário que um esforço seja feito para que todas as alterações efetuadas sejam feitas de maneira a manter a maior compatibilidade possível com versões anteriores, e com toda a restante estrutura da classificação.

Deste modo, de acordo com os problemas referidos na secção 2.1 e ainda devido à particular relação entre os assuntos destas duas classes, para proceder às alterações à classificação será tida em conta a metodologia utilizada para a recente revisão da classe 2 “Religião. Teologia”, que enquadra um passo importante na utilização de classificações multifacetadas na CDU (Broughton 2000). De uma forma muito succinta, esta revisão passou pela criação de uma tabla auxiliar exclusiva à classe 2 (2-1/-9 *Subdivisões auxiliares especiais para a religião*), composta por conceitos correspondentes a facetas relevantes para a classificação bibliográfica da área científica em questão, que são então passíveis de ser aplicados em conjunto com os termos posteriormente definidos (21/29 *Sistemas religiosos. Religiões e crenças religiosas*), permitindo assim uma maior flexibilidade na classificação.

2.3 CLASSIFICAÇÃO MULTIFACETADA

Numa classificação deste género, cada uma das facetas é caracterizada por expressar uma característica que permite a divisão da sua classe pai. Na literatura referente a este tipo específico de classificação, encontramos ainda divisões por categorias dos vários tipo de facetas, elaboradas a partir do valor semântico de cada uma delas. Existem na literatura várias listas de categorias de facetas, das quais são exemplos a lista de Ranganathan (1939), que já na sua segunda edição fazia referência aos *PMEST: personality, matter, energy, space e time*; ou ainda a lista desenvolvida por Vickery (1960): *thing, kind, part, property, material, process, operation, patient, agent, space e time*.

O primeiro passo para a criação da classificação por facetas para esta classe passa então por definir quais as categorias de facetas que se tornam relevantes de aplicar, definir a forma de as representar de acordo com a notação da CDU e transpor os conceitos semânticos de cada categoria para termos e conceitos relevantes no campo da filosofia.

2.3.1 NOTAÇÃO

De acordo com a notação utilizada pela CDU conseguimos de uma forma muito fácil transpor uma classificação com várias facetas. As notações mais utilizadas são:

-1/-9

‘1/’9

.01/.09

Por exclusão de partes a notação que será utilizada será a apresentada em primeiro lugar. Isto porque aquela apresentada em último lugar tem a sua utilização desencorajada pelas atuais políticas de utilização da CDU, enquanto que a segunda hipótese é apenas utilizada quando existem mais do que nove facetas a serem declaradas.

	Categoria	Zona/auxiliares correspondentes
Como apresentadas por Vickery (1960)	<i>[Thing]</i>	11/18
	<i>[Material]</i>	-1
	<i>[Agent]</i>	-2
	<i>[Patient]</i>	-3
	<i>[Operation]</i>	-4
	<i>[Property]</i>	-5
	<i>[Kind]</i>	-6
	<i>[Time]</i>	"1/9"
	<i>[Space]</i>	(1/9)
	<i>[Process]</i>	<i>Não Atribuido</i>
	<i>[Part]</i>	<i>Não Atribuido</i>

Tabela 2.2: Categorias de facetas selecionadas

2.3.2 SELEÇÃO DE FACETAS

De maneira a proceder à seleção das facetas que integrarão a tabela auxiliar à nova classe 1 é ainda necessário tomar em conta, como acima referido, o trabalho realizado por Broughton na revisão da classe 2, de maneira a que exista um padrão no que diz respeito à utilização de facetas na CDU, ponto este já tido em conta noutros processos de revisão desta mesma classe, previamente referidos (Gnoli, Mazzocchi e Slavic 2008). Foi também de grande importância para a escolha das facetas a classificação multifacetada já existente para a área da filosofia, integrando da classificação bibliográfica de Bliss (BC2) (Thomas 1993; Broughton 2000). Esta classificação tem especial importância neste caso em particular pois um dos editores da BC2, Vanda Broughton, foi também a responsável pela revisão da classe 2 da CDU. Sendo assim possível denotar na classe 2, partes da estrutura fundamental da BC2, mais concretamente naquilo que diz respeito às categorias de facetas utilizadas.

A tabela 2.2 apresenta então as categorias de facetas selecionadas, fazendo já corresponder a cada uma delas a notação a ser utilizada. É de notar que em alguns dos casos, como é exemplo a categoria *Time*, a notação utilizada corresponde à notação já existente nas tabelas auxiliares gerais da CDU.

Em paralelo com a escolha das categorias é então necessário que seja definidas as facetas para a área da filosofia, de maneira a que estas encaixem nas categorias delineadas. Mais uma vez para a escolha das facetas a BC2 é um importante ponto de referência, contudo, estas necessitam ser deliniadas tendo em conta essencialmente o presente estado da classe 1, de maneira a perceber quais os campos da mesma que devem ser transformado em facetas, e aqueles que devem ser mantidos.

A tabela 2.3 apresenta então as facetas definidas, assim como a classe de facetas cada uma delas se faz corresponder.

Fontes. Materiais Bibliografia relacionada com as fontes e/ou materiais.

Pessoas na filosofia Bibliografia sobre filósofos em si. Ex.: Platão, Aristóteles, etc...

É mesmo isto?

Aplicações. Filosofia aplicada Ex.: Ética aplicada, etc...

Prática. Métodos Ex.:Racionalização, interpretação, etc...

Pontos de vista, doutrinas, abordagens, teorias, atitudes, ismos Ex.: Racionalismo, Existencialismo, etc...

Sistemas. Escolas. Tradições. Periodos. História Grécia antiga, Alexandria, etc...

11/18	Ramos. Disciplinas	<i>[Things]</i>
...
0.91-1/-6	Subdivisões auxiliares especiais para a filosofia	
1-1	Fontes. Materiais	<i>[Materials]</i>
1-2	Pessoas na filosofia	<i>[Agents]</i>
1-3	Aplicações. Filosofia aplicada	<i>[Patients]</i>
1-4	Prática. Métodos	<i>[Operations]</i>
1-5	Pontos de vista, doutrinas, abordagens, teorias, atitudes, ismos	<i>[Properties]</i>
1-6	Sistemas. Escolas. Tradições. Periodos. História	<i>[Kinds]</i>

Tabela 2.3: Correspondência entre as facetas identificadas e as categorias de facetas definidas

2.3.3 PRINCIPAIS DIVISÕES

Após definidas as principais facetas é então necessário que sejam também definidos os principais conceitos que irão figurar na classe. Neste ponto é possível recuperar muitas das divisões já encontradas na classe 1 atual, sendo estas os principais ramos e disciplinas da filosofia. Contudo, existem ainda algumas divisões da filosofia que não se encontram atualmente representadas na classe atual, sendo a sua classificação, presentemente, representada com a conjugação de elementos de outras classes. Disciplinas como a estética, filosofia da linguagem, filosofia da lei, etc..., necessitam ser adicionadas de maneira a que todos os campos da filosofia consigam ser representados pela própria classe. Para isto estes serão integrados na classe nos espaços que se encontram vagos depois das alterações acima referidas.

Na table 2.4 estão apresentados então os conceitos propostos para a classe 1.

Notação	Conceito
11	Metafísica geral
12	Metafísica especial
13	Filosofia da mente
14	Filosofia da linguagem
15	Estética. Filosofia estética
16	Lógica. Epistemologia. Teoria do conhecimento. Metodologia da lógica
17	Filosofia moral. Ética. Filosofia prática
18	Filosofia política. Filosofia da lei

Tabela 2.4: Principais conceitos propostos

2.4 1 FILOSOFIA

Posto tudo isto apresentamos então a proposta completa para a nova classe *1 Filosofia*, composta por uma primeira subdivisão de auxiliares especiais para serem utilizados em combinação com os campos 11/18.

1 FILOSOFIA

1-1/-6 Subdivisões auxiliares especiais para a filosofia

1-1 Fontes. Materiais

1-2 Pessoas na filosofia

1-3 Aplicações. Filosofia aplicada

1-4 Prática. Métodos. Argumentação

1-5 Pontos de vista, doutrinas, abordagens, teorias, atitudes, ismos

1-6 Sistemas. Escolas. Tradições. Períodos. História

11/18 Ramos. Disciplinas

11 Metafísica geral

12 Metafísica especial

13 Filosofia da mente

14 Filosofia da linguagem

15 Estética. Filosofia estética

16 Lógica. Epistemologia. Teoria do conhecimento. Metodologia da lógica

17 Filosofia moral. Ética. Filosofia prática

18 Filosofia política. Filosofia da lei

REFLEXÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA

- Broughton, Vanda. 2000. «A new classification for the literature of religion». *International cataloguing and bibliographic control* 29 (4): 59–61. <http://archive.ifla.org/IV/ifla66/papers/034-130e.htm>.
- Gnoli, Claudio, Fulvio Mazzocchi e Aida Slavic. 2008. «The UDC Philosophy revision project». *Extensions and Corrections to the UDC* 12 (30). <http://hdl.handle.net/10150/105925>.
- Hatfield, Gary. 1994. «Remaking the science of mind: Psychology as natural science». *IRCS Technical Reports Series*: 159.
- Kyle, Barbara Ruth Fuessli, B. C. (Brian Campbell) Vickery e Unesco. 1961. *The Universal Decimal Classification : present position and future developments*. UNESCO.
- McIlwaine, I. C. 1997. «The Universal Decimal Classification: Some factors concerning its origins, development, and influence». *Journal of the American Society for Information Science* 48, número 4 (): 331–339. ISSN: 1097-4571. doi:10.1002/(sici)1097-4571(199704)48:4<331::aid-asi6>3.0.co;2-x.
- Ranganathan, S. R. 1939. *Colon classification*. 2nd ed. Madras; London: The Madras Library Association ; E. Goldston.
- «Task force for UDC system development : final report». 1990.
- Thomas, Alan R. 1993. «Bliss Bibliographic Classification 2nd edition: principal features and applications». *Cataloging & classification quarterly* 15 (4): 3–17.
- Vickery, B.C. 1960. *Faceted Classification: A Guide to Construction and Use of Special Schemes*. Aslib.

TODO LIST

É mesmo isto?	7
-------------------------	---